

Narração

(0:38) Há um olhar que sabe discernir o certo do errado e o errado do certo. Há um olhar que observa quando a obediência significa desrespeito e quando a desobediência significa respeito. Há um olhar que reconhece os curtos caminhos longos e os longos caminhos curtos. Há um olhar que desnuda, que não hesita em afirmar que existam fidelidades perversas e traições de grande lealdade. Este é o olhar da alma.

(02:02) Alma Imoral nasce no período que eu lia sobre psicologia evolucionista, que aponta a moral como instrumento importante para a preservação da espécie humana. E eu pensei o contrário, o que acontece quando esse corpo moral se torna estreito? Quando ele se faz um obstáculo na nossa espécie, como se dá esse processo imoral? De transcendência, de transgressão, para que essas fronteiras sejam ampliadas. Esta série é sobre as almas imorais, pessoas do nosso tempo, que da minha tribo e ao mesmo tempo com uma dimensão universal, representam esses esforços, por expandir as fronteiras da nossa consciência e produzir a possibilidade de um futuro melhor.

(02:53) Eu busquei personagens que contenham esta tensão tão especial para o ser humano, que está presente nas tradições e ao mesmo tempo na demanda do futuro. São histórias em várias áreas da vida, das artes, das ciências, da religião, da sexualidade, salvaguarda os valores do passado e tem compromisso inquestionável com o futuro. Suas falas, carregam a chave para a evolução do ser humano.

Narração

(03:39) Publicado em 34 idiomas, autor de dezenas de livros, cineasta, Etgar Keret é considerado a maior voz de sua geração.

Etgar Keret

(03:52) O jeito que meus pais falavam as coisas era bem diferente e estranho e meu pai me disse que o único momento da sua vida em que você é obrigado a falar, é quando as pessoas te mandam calar a boca. A verdade é que na última guerra eles ameaçaram toda pessoa que ousava falar, eles eram extremamente ameaçados, foi aí que eu percebi que a opção de me manter calado tinha sido tirada de mim e claro que eu e minha esposa expressamos opinião e nós nos preparamos para pagar o preço por isso, de sermos ameaçados, mas ao mesmo tempo, nós não nos sentimos completos se nós não falamos o que precisamos falar. A discussão em Israel sempre foi entre esquerda e direita, acho que o artigo mais controverso que já escrevi foi muito linguístico, eu sempre escrevo de um ponto de vista linguístico e o que eu disse foi que a palavra paz se tornou maligna a sua origem

(05:14) Porque quando você fala sobre paz, todos querem paz. Hamas quer paz, Israel quer paz, todos nós queremos paz, o que paz significa? É que você vai fazer o que quiser e ninguém vai te matar, mas se comprometer, comprometer significa que você tem que dar algo em retorno, comprometer você negocia e isso fez as pessoas ficarem extremamente agressivas e ameaçadas, apenas o efeito de eu ter me trocado uma palavra pela outra. Quando você fala sobre desrealidade e quando você fala sobre diferença de classe dentro da

sociedade israelense, eu sempre digo que a diferença entre esquerda e direita, fundamentalmente, é a diferença entre otimismo e pessimismo.

(06:03) Porque a esquerda sempre diz que as coisas podem melhorar e a direita sempre diz “este é o melhor que pode ter, não toque porque vai quebrar e tudo estará arruinado” e o que eu sinto muito é que a habilidade de ser otimista se tornou uma ameaça para algumas pessoas nessa sociedade. Eu acho que para mim, o ponto de quebra foi quando meu filho, que agora está com 9 anos de idade, ele me disse em algum momento, ele disse “eu não tenho problema com o fato de que você e mamãe querem paz, eu só não quero que você diga em voz alta” e eu perguntei “por que?” e ele respondeu “nós aprendemos na escola que todas as pessoas no oriente médio que dizem que querem paz, elas são mortas, Yitzhak Rabin, Saddad, John Lennon”, não sei como John Lennon se encaixa no oriente médio, mas para o meu filho fazia sentido. Então eu disse para mim mesmo, a que ponto nós chegamos e em que discutir isso é algo seguro, meu filho não tem nenhum problema comigo dizendo algo racista, não é perigoso, mas para ter paz, isso se tornou uma espécie de uma coisa fora de consenso, as coisas, você deveria ser punido por fazer, você deveria ser ameaçado por fazer, você se torna dissidente só por desejar viver em um lugar melhor ou em um lugar com mais direitos

Narração

(07:55) Todos nós nos deparamos com lugares que se tornam estreitos, esses lugares que serviram para o nosso desenvolvimento, viram limitadores, o corpo não gosta de mudar, são as estreiteiras e o desconforto que convencem de que não existe outra saída. A fuga dos hebreus do Egito para deixar a escravidão rumo a liberdade, simboliza a tensão entre o corpo e a alma. Arrependido por ter permitido que os hebreus deixassem o Egito, mesmo após sofrer dez pragas diferentes, o faraó os encerrava junto ao mar, em desespero, os hebreus se voltam para o líder Moisés, o que fazer?

(08:54) O povo, representativo do corpo, se divide em 4 acampamentos em meio a confusão. O primeiro quer voltar e se conformar com as limitações, o segundo acha que tem condições de lutar e se dispõe a difícil tarefa de transformar o lugar estreito em amplo, o terceiro cai em desespero e quer jogar-se ao mar, o quarto se mobiliza em oração esperando que o novo magicamente não implique que ele mesmo tenha que se modificar, assim não há passagem pelo mar, a resposta de Deus as vacilações do corpo, é decisiva e intrigante “diga a Israel que marche”

Nilton Bonder

(09:47) Nascido na Alemanha, Uri Avnery migrou com a sua família para a Palestina em 1933, fugindo do nazismo. Lutou por Israel na guerra da independência, logo percebeu a importância da coexistência com os palestinos e tornou-se um transgressor que luta pela paz.

Uri Avnery

(10:09) Eu sou uma pessoa política, eu tenho que ser porque quando eu estava na Alemanha, eu testemunhei o fim da república alemã e o início do regime nazista. Eu fiquei meio ano em uma escola durante o tempo do nazismo, a única escola judaica, era tudo sobre política

naquele tempo para as famílias judias, então eu era sobre política. Quando eu fiz 15 anos, eu me juntei a organização de sionista chamada Irgun, era uma organização de luta de direita, eu não me sentia de direita, nós íamos para lutar e liderar o país e eu não acreditava realmente que nós conseguiríamos liderar o país através do terrorismo e eu fui soldado por mais ou menos 1 ano e eu saí da guerra com uma profunda convicção, que eles existiam, o povo palestino, Israel sempre negava.

(11:40) Então eu saí da guerra, a primeira coisa que fiz foi procurar pela a ideia de encontrar uma solução, no começo era uma solução do Estado. Então meu primeiro livro foi lançado, eu me tornei um incrível best-seller, isso é totalmente doido e quanto mais popular eu me tornei, menos eu gostei disso porque eu estava me tornando popular pelas razões erradas e aí eu disse “isso não pode continuar” e aí eu escrevi o segundo livro chamado “O outro lado da moeda” onde eu descrevo o outro lado da guerra e eventos sofridos pela população e mais uma vez o livro fez barulho e do dia para a noite eu deixei de ser o herói e me tornei um traidor

(12:44) Ao mesmo tempo eu comprei um jornal e o transformei em um jornal de extrema oposição. Eu comprei este jornal durante o regime, não apenas um assunto, mas praticamente todos eles porque como eu disse, eu tenho um modelo diferente de ver o que está diante dos meus olhos. O que tinha nesse jornal não era sobre a questão árabe, nem sobre a questão da paz, nem sobre a guerra, nem sobre direitos sociais, nem sobre religião, sobre nada, eu me tornei bem agressivo e então começou a se estabelecer uma nova lei aberta diretamente contra nós, totalmente aberta, sem dúvidas nisso.

(13:49) E eu disse, anunciei na verdade “se esta lei for adotada, eu irei concorrer às eleições pelo Knesset”, então a lei foi adotada, eu me lembro de estar sentado aqui e o rádio, as notícias vinham por ele e eu ouvi “a lei foi aprovada” e eu disse “ok, vamos para a eleição”. Eu fiquei 10 anos no Knesset, eu conheci mais de mil palestrantes no Knesset e ninguém nunca chegou perto disso até hoje e eu propaguei as mesmas coisas, aliança com a Palestina, ter atenção a Palestina, solução no Estado, direitos sociais, eu apoiei quase que todas as greves, a separação da religião e Estado, tratamento dado aos árabes, igualdade para essa minoria e Israel.

(15:03) E eu comecei a estabelecer contato, isso era extremamente ilegal ser feito fora do país. Eu sou um termômetro humano para os estados de espíritos de Israel, eu ando pela rua e às vezes algumas pessoas me olham indiferente ou, eu tenho essa barba, então as pessoas me reconhecem, então às vezes eu me sinto bem, outras me sinto cercado pelo ódio, a vez que me senti mais odiado foi quando eu revelei ser contra o Moshe Dayan e naquela época Moshe Dayan era Deus em Israel.

(16:05) A segunda vez foi quando eu conheci Arafat, fora da guerra, isso foi um ato de traição conhecer os inimigos da guerra é considerado traição e punido com pena de morte até hoje.

Nilton Bonder

(16:22) A palavra traidor, traição...

Uri Avnery

(16:26) É usual

Nilton Bonder

(16:29) É usual. Você nunca levou isso a sério?

Uri Avnery

(16:30) Não. Eu conheci isso muito cedo na minha juventude, eu fiquei imune aos ataques, eu não ligo muito para isso, não fico alarmado com pessoas me chamando de traidor ou coisas do tipo.

Nilton Bonder

(17:27) Em 2006, um grupo de ex-soldados israelenses e palestinos, baixa as armas e funda o movimento Combatentes pela Paz, para quebrar o ciclo de violência unindo forças dos dois lados do conflito.

Bassam Aramin

(17:46) Às vezes é bem difícil ser palestino, é muito estranho e complicado crescer em uma complicada ocupação em que você não entende a língua, não entende porque eles estão ocupando e controlando você, isso ainda sendo criança. Nós por pensar que não temos outra alternativa, não temos um lugar seguro, a gente se torna vítimas desta ocupação. Isso significa que nos tornamos lutadores e ser um lutador aos 13 anos de idade, significa que você perdeu a sua infância para algo errado, essa é uma ocupação que não nos dá a oportunidade de crescer em um lugar saudável e de um jeito normal. Então, nós começamos isso para as crianças, começando a levantar a bandeira palestina, o que é para pedir liberdade por nós e para Israel isso é um crime porque você não pode ir a Israel por 6 meses ou 1 ano, eles podem atirar em você e matar você.

(18:48) Para nós isso começou como um jogo. Quando nós tínhamos 16 anos de idade, com duas granadas e um conflito, meu pensamento era em atirar aquelas duas granadas contra soldados israelenses e nessa época claramente ninguém se feriu porque não sabíamos como manejar a granada, não de um jeito profissional. Com 17 anos nós fomos presos e primeiro nós pegamos 21 anos de cadeia, 19, 15, 14 e eu acabei pegando 7 anos. Agora não é mais um jogo, você é um lutador, você é um herói, você é um guerreiro, você está na prisão agora e você tem 7 longos anos pela frente, então você precisa entender quem é o seu inimigo.

Chen Alon

(19:25) **Outro idioma.**

Bassam Aramin

(20:27) Em realidade, se você conhece o seu inimigo, você pode vencê-lo ou matá-lo, se você apenas odeia o seu inimigo, você vai matar a si mesmo. E porque meus inimigos falam hebraico, então eu comecei a estudar hebraico. Na cadeia eu assisti um filme sobre o

holocausto e para mim é Hitler que matou 6 mil pessoas e você nunca pensa nisso, é apenas um número, por não ser sobre mim, sobre palestinos ou sobre árabes, eu entendo que este filme é sobre Hitler e os judeus e eu quero me sentir à vontade assistindo este filme como uma forma de vingança, porque ao menos eu sou sem identidade, eles me ocuparam, eles me acusaram, então ao menos tem esse filme para assistir alguém torturando eles, ganhando em cima deles. E em alguns minutos depois eu me peguei chorando, eu tive simpatia por aquelas pessoas inocentes, eu esqueci completamente que eram judeus, eu fiquei bem irritado porque não vi aquelas pessoas lutando de volta.

Chen Alon

(21:30) **Outro idioma.**

Nilton Bonder

(23:09) Ex-presidente da universidade de Alcut e ex representante da autoridade palestina em Jerusalém, o professor Sari Nusseibeh exerce um papel moderador. Por tradição, sua família guarda as chaves das portas que abrem as mesquitas em Jerusalém.

Sari Nusseibeh

(23:28) As pessoas passam por muitas transformações e elas ainda estão passando por alguma transformação. As pessoas começaram como eu comecei, querer viver em um único Estado, o que é democrático e secular, onde muçulmanos, judeus e cristãos possam viver juntos, um tipo de paraíso. Para mim, eu ainda vejo a partir disso, esse tipo de paraíso onde o fato de eu ser um ser-humano é o que importa, não o fato que eu sou judeu, muçulmano ou cristão. Ser um ser-humano e se contar como um é mais importante do que você contar a si mesmo a partir da sua religião, entender que esta religião na verdade de alguma forma diminui meu valor como ser-humano e o que é importante para mim como ser-humano, para este fim, eu acho que é uma coisa boa, ter a religião como parte da minha vida mas olhando para essa religião em outro caminho, no caminho oposto, no nosso caso, dos muçulmanos, eu olho para o mundo hoje e vejo ele ficando cada vez mais louco.

(24:45) Então eu senti que era hora de parar e perceber que aquilo era ruim e isto não é uma prática religiosa, porque se fosse, não seria algo que colocaria em risco meu valor como ser-humano. E então, eu descobri que muitas pessoas também não queriam aquilo, que eles queriam dois Estados. Então as pessoas, eu acho que a maioria, pensam que a solução de ser dois Estados é a coisa mais realista e prática e justa que uma solução pode chegar e que as pessoas consigam viver com isso, mas nós não vivemos em um mundo estático, é um mundo mutável e o que parece uma solução prática, se torna menos e menos prática, então as pessoas precisam usar sua imaginação uma vez mais, imaginação é importante.

Nilton Bonder

(25:51) Em 1994, perdeu o filho Arik em um combate contra o Hamas. Hoje dirige o instituto Arik pela reconciliação, tolerância e paz, que tenta mudar a mentalidade de pessoas propensas a perpetuar o conflito entre israelenses e palestinos.

Yitzhak Frankenthal

(26:09) Eu perdi meu filho Arik, que era soldado da IDF e foi sequestrado por rebeldes do Hamas, quando os caras do exército vieram até mim para dar a notícia de que ele foi morto, passou diante dos meus olhos o que Akiva disse há dois mil anos atrás “eu preferia que tivessem levado minha alma embora” e aí eu me levantei, os abençoei e dois minutos depois eu já estava comprometido com Deus novamente, nunca mais os vi e isso foi algo bem incomum, meus amigos vieram até mim, eu vivia em um vilarejo pequeno não muito longe do aeroporto de Ben Gurion, e eles me disseram o que eu sempre disse que nós precisamos fazer as pazes com os palestinos, você acorda e entende que o inimigo não é um ser-humano, então eu disse aos meus amigos “sabe, eu acabei de ser morto, não pelos palestinos, mas por um governo que não sabe como fazer as pazes com os palestinos desde 1967”

(27:20) Nós estabelecemos tantos, mais e mais assentamentos ao invés de realmente fazer as pazes com os palestinos e infelizmente muitas pessoas usam do judaísmo contra esta paz, dizendo que Deus nos prometeu essa terra, Israel é um Estado judeu, então essa terra nos pertence. E eu digo a eles “sabe, quando Deus nos prometeu isso, também vieram com outros comandos, você precisa acertar estes comandos com Deus, do contrário você não merece esse país”, até mesmo o Shabah fala sobre a culpa, de ter estes comandos para conseguir a terra de Israel. Então como que você fala que quer a terra de Israel, mas você não liga para o que os comandos dizem a você? E além disso, Deus quer que nós sacrifiquemos nossos filhos pelo bem maior de Israel? Ninguém deveria passar por isso, ninguém.

Nilton Bonder

(28:51) Durante mais de 20 anos, o rabino reformista Arik Ascherman, foi uma das vozes mais respeitadas do movimento Rabinos pelos Direitos Humanos, que desafia o confisco de terras nos territórios ocupados e defende os direitos dos palestinos em Israel.

Nilton Bonder

(29:14) Me fale mais sobre isso, quando você tem uma situação de conflito, que tipo de situações você tem?

Arik Ascherman

(29:21) Eu já estive em julgamento por me meter na frente em novos assentamentos, de novo porque eles tinham chance alguma de construir uma casa para eles, também rola de ter demonstrações, às vezes nem intencionais, mas às vezes certas coisas saem do controle por diversas razões. Neste julgamento, nós não tínhamos o apoio de outros rabinos para escrever uma carta para o primeiro ministro sobre esta situação, a versão original iria dizer “Como vocês podem fazer algo assim” e fomos informados que não poderíamos fazer isso, estaríamos quebrando uma lei. De propósito, eles amigavelmente tiveram o direito de me colocarem em julgamento e parte de ser um civil é que você quer estar em julgamento, para tentar mostrar que a lei não é justa para todo mundo.

Narração

(30:30) A proposta da imutabilidade é mais do que indecorosa, ela violenta o indivíduo, ela propõe que continuemos a fazer o que já foi feito no passado.

(30:41) Transgredir é um processo e um momento que nos voltamos para outra direção, marca um novo segmento de nossas histórias individuais e coletivas.

(30:56) O verdadeiro grande crime do ser humano é que ele pode dar uma simples volta a qualquer momento, mas não o faz.

(31:10) Duas coisas ficam comprometidas pela ausência de transgressão: a qualidade de vida e a possibilidade de continuidade.

Bassam Aramin

(31:34) Meu carcereiro era muito extremista porque em geral eles não são permitidos de falar conosco e entender nossas histórias, eles precisam nos tratar como terroristas, assassinos, pessoas sangrentas, pessoas perigosas e é isso e para nós eles eram todos carcereiros, nada além disso e uma vez um desses carcereiro queria falar comigo e ele disse “não é bom para você ser um terrorista ou um assassino, por que você está aqui?” E naquela época eu respondi a ele “Você que é o terrorista, eu sou um lutador”, o que é algo muito importante no nosso pensamento de luta, nós usamos a palavra exército forte, o que é algo moral, o que não é terrorismo, terrorismo não é violência. Então ele queria entender porque eu era um terrorista, porque ele pensava que nós éramos os colonizadores, nós éramos os ocupantes de fora. Minha história, minha narrativa não era que nós éramos ocupantes de fora, nós é que estamos debaixo de uma ocupação.

(32:37) Mas para entender que ele acreditava que nós éramos os ocupantes de fora, em algum momento eu tive que fazer ele ver que não éramos, então eu disse para ele “sabe, talvez nós sejamos colonizadores, não sei, você tem longos 7 anos para me convencer disso” e foi assim que nós começamos a conversar, toda vez que ele terminava o turno dele, nós começávamos a conversar e em alguns meses mais tarde já nos tornamos amigos próximos, ele entendeu que nós não éramos ocupantes, não éramos colonizadores, não éramos assassinos, a ocupação nos fez lutadores e ao mesmo tempo, um pouco mais tarde, eu percebi que eu precisava mudar meu jeito, minha mente porque eu queria aceitar a existência dele também, vê-lo como ser-humano, porque naquele momento ele também não tinha direito de existir nesta terra por ser minha. Talvez depois de um 1 ano mais ou menos, em outubro de 1987, dois meses antes da primeira Intifada, nós estávamos em uma seção, 120 prisioneiros de idades de 12 a 19 anos, somente 12 anos de idade e para a ocupação eles eram terroristas, eles eram assassinos e então nós ouvimos o alarme, mais de 100 prisioneiros e eles formaram duas filas e então eu comecei a gritar, em inglês, em árabe, em hebraico, mas eles continuaram me batendo e no fim 6 soldados me levaram para outro lugar e eles começaram a me bater novamente e no meio disso alguém veio e colocou as mãos por cima de mim para me proteger e era o meu carcereiro, ele tinha terminado o turno dele e percebeu que estavam me torturando e então ele veio para me proteger, o que foi muito perigoso para ele e para o trabalho dele.

Chen Alon

(34:32) **Outro idioma.**

Nilton Bonder

(35:59) Dramaturgo, autor e diretor, Joshua Sobol é autor de mais de 50 peças de teatro. Nos anos 30 sua família foi atingida pela perseguição nazista na Europa, hoje ele usa a arte para lutar contra a opressão.

Joshua Sobol

(36:16) **Outro idioma.**

Nilton Bonder

(39:34) Criado dentro da tradição judaica e conhecedor dos ritos do seu povo, o professor Noam Chomsky exerce um papel assiduamente crítico das religiões e de políticas do estado de Israel.

Nilton Bonder

(39:52) O que você vê que vai ser o futuro entre o conflito de Israel e Palestina? O que acha que vai acontecer depois?

Noam Chomsky

(40:01) Eu acho que o jeito que isso vem sendo discutido mundialmente, é altamente mal liderado, quase toda a discussão sobre Israel e Palestina impõe duas opções: uma delas é discutir isso abertamente no âmbito mundial e assim poder estabelecer regras e afins das quais ninguém poderá reclamar, esta é uma opção, a outra é Israel tomar conta de toda a Palestina, e isso do ponto de vista de Israel tem um problema, um problema demográfico de Estados árabes e judeus e do ponto de vista de muitos palestinos, muitos deles ativistas, é uma opção boa pois assim eles poderão discutir sobre seus direitos sociais que fazem parte dessa luta, é o que chamamos de solução de um Estado unificado, mas não é o que está acontecendo, esta segunda opção não existe.

(41:17) Tem uma segunda opção, mas não é esta, a segunda opção é o que está tomando conta de nós no momento. Israel com apoio dos Estados Unidos, está sistematicamente tomando qualquer coisa que eles querem na região de West Bank e não se importando com o resto, então eles estão tomando tudo que tem atrás do muro que separa os dois Estados, eles estão expandindo para qualquer lugar que eles querem, dia após dia, construindo suas casas, poços, expandindo o assentamento que muitas vezes é um pretexto militar, mas gradualmente acaba ficando, tradicionalmente, e no meio do que é tradicional neste sentido é que o jeito que você faz este assentamento, você simplesmente não diz a ninguém que está sendo feito, você apenas coloca uma cerca, com um poste e uma casa em volta, mais tarde você adiciona rede elétrica e durante isso você não diz nada, você faz tudo isso muito bem calado e desse jeito não há objeção, essa é a política que vem sendo adotada e está se espalhando pelo West Bank, você pode ver os contornos, as áreas que Israel tenta tomar, são áreas muito pequenas porque eles acabam sendo expulsos, eles regularmente estão sendo mandados embora. Então

desse jeito não terá nenhum grande problema, nenhuma revolta de direitos civis, não terá nenhum problema demográfico e aos olhos do mundo eles estão bem estabelecidos, essa é a opção que está acontecendo ultimamente.

(42:55) Enquanto os Estados Unidos apoiarem Israel nessa rejeição de consenso internacional, não há motivos para isso mudar, de esperar que isso mude, não há outra força militar na região, não tem chances sérias de existir, vai continuar sendo uma situação tensa de hostilidade, insegurança.

Chen Alon

(43:35) **Outro idioma.**

Bassam Aramin

(45:20) Em 1994, eu tive o primeiro filho e aí eu vi alguns palestinos se aproximando Contra as tropas de Israel, antes de Israel deixar Genin para a polícia da Palestina, neste dia eu disse “depois de 14 anos de ocupação, nós vamos dar flores para eles antes deles irem embora de Genin?” e aí eu entendi que esse ato da população, era uma grande mensagem sobre paz, algo tipo “apenas vá para casa, nos deixem em paz”, mais de 100 anos nós estamos nos matando, isso é um fato. Israel não é segura, Palestina não é livre, mais sangue, mais dor, mais vítimas e a gente continua. Aí eu decidi que o meu filho não iria nunca para as prisões de Israel porque eu estou aqui, porque ninguém me ensinou, ninguém me informou e ele jamais iria atirar pedras porque eu sei como achar estas pessoas agora.

(46:20) Eu comecei a ser ativo na minha sociedade sem nenhuma conexão com os israelenses, pelos meus interesses, pelo benefício da Palestina, em 2002, eu ouvi que alguns israelenses estavam se recusando ao que vinha em seguida, o que eu acreditei que estava acontecendo, ver soldados israelenses, oficiais, pilotos se recusando em fazer parte da ocupação, a única ocupação por ordem do Sharon, que era o primeiro-ministro na época, eles se recusaram a serem parte da ocupação e continuar ocupando o lugar de outras pessoas, porque isso apenas cria mais ódio do outro lado, então eu gostaria de conhecer essas pessoas, 3 anos depois nós tivemos a primeira reunião entre 4 palestinos, eu era um deles e 7 ex-oficiais israelenses.

Chen Alon

(47:12) **Outro idioma.**

Bassam Aramin

(47:49) Nós descobrimos que nós somos iguais, nós estamos lutando para conquistar a mesma coisa, paz e segurança, claro que cada um por seu ponto de vista individual, eles são os ocupadores, nós estamos sob ocupação, nós temos o direito de resistir, de usar a força, mas isso não funciona, este é o ponto. Isso levou mais ou menos 1 ano de reuniões e toda vez que nos reuníamos, tínhamos novos membros e novos amigos, ex-prisioneiros. No primeiro ano nós já tínhamos 3 mil membros, levou muito tempo para concordar com o nome “Combatentes pela Paz”, combatentes quer dizer soldados combatentes, mas aí nós re-descobrimos o

significado da palavra, nós tínhamos a coragem de falar porque todos os outros tinham coragem de usar da violência, mas nem todo mundo tinha a coragem de falar, de olhar nos olhos e descobrir a humanidade dentro de você e a humanidade dentro do seu inimigo, de descobrir que este assassino, este soldado, é um homem muito nobre, mas ele acha que você é inimigo dele que quer matá-lo.

Chen Alon

(48:59) **Outro idioma.**

Bassam Aramin

(49:36) Tudo começa pela educação, pela informação. Ao longo desses 2 anos, 2005 a 2007, eu tive a chance de conhecer o meu inimigo, de aprender que ele também era uma pessoa, mesmo que eu tenha dito para eles muitas vezes que eu poderia servir em qualquer unidade do exército de Israel, sei até mesmo as piadas de cada unidade e eu entendi como eles me viam, eles me viam como um soldado, nós palestinos somos seres humanos, mas porque somos ameaça para ele, automaticamente nos tornamos soldados, mesmo se a pessoa em questão tiver apenas 7 anos de idade, o que é muito bom de saber, você nunca pode imaginar que aquele soldado aterrorizante está na verdade morrendo de medo de você. Então nós descobrimos isso, nós entendemos a linguagem, não só a que ele passa com isso, mas o hebraico, a linguagem mental, a linguagem do medo, em outras palavras, se você conhece seu inimigo, você percebe que precisa desistir de ser a vítima e que fazer as pazes com ele é necessário e é isto, você faz a paz, você não tem mais um inimigo para conquistar, você dorme em paz, ninguém pode ocupar você, o que é maravilhoso.

(50:49) 2 anos depois, em 16 de janeiro de 2007, Israel burlou a polícia, ameaçou jovens, atirou e matou minha filha de 10 anos de idade, Abir, ela era a terceira filha, na frente da escola dela, 9:15 da manhã, numa distância de 15-20 metros, na cabeça dela, pelas costas, em um dia normal, ela estava com sua irmã e outras duas meninas, ela caiu e dois dias depois ela morreu no hospital. Duas horas depois, eu tive meu irmão israelense e sua esposa, em mais duas horas eu tive o apoio de mais de 30 famílias israelenses do Combatentes pela Paz e famílias do Bereaved Families' Circle, eles vieram e eles ficaram comigo durante dois dias no hospital israelense e foi um lugar onde você pensa que você é igual a eles e você vem apenas para orar e dar apoio a esta garotinha porque ela era inocente, ela não tinha nada a ver com o conflito, ela não sabia sobre Hamas ou Chaz, nada.

(51:56) E por eu ter uma vida ruim, então sua família e seus filhos se tornam seus entes queridos palestinos, sua terra, seu mundo e eu quero protegê-los, quero fazer o que for necessário para protegê-los, quão longe isso chega? Isso é algo muito doloroso, saber que você não pode se proteger e claro não consegue proteger seus filhos se você vive em nossa região. Por que os soldados israelenses deveriam atirar e matar minha filha? Mais de 100 ex soldados e oficiais israelenses vieram até a escola dela construir um jardim, em memória dela e é assim que você usa sua dor para construir mais pontes, mesmo com seu inimigo, essa é uma dor eterna, você precisa aprender a lidar com ela. Dois dias depois houve uma marcha junto a 620 famílias israelenses e palestinas, que tenta dar uma simples mensagem: nós precisamos

existir, nós devemos existir nos dois lados dessa terra, como um Estado, dois Estados ou como cinco Estados porque do contrário nós iremos dividir duas grandes covas para os nossos filhos e para nós mesmos.

